



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

MEMÓRIAS DA SOCIABILIDADE NEGRA NA FAMÍLIA PIMENTEL

MARIA DO SOCORRO PIMENTEL DA SILVA ¹

HENRIQUE CUNHA JÚNIOR²

Resumo: Histórias de famílias negras fazem parte da história urbana e da inserção da população negra na sociedade brasileira nesse século passado do pós-abolição do sistema de produção do escravismo criminoso e da instalação do capitalismo racista. O estudo em curso trata da história da Família Pimentel e da vida desta família entre as cidades de Alagoa Grande e João Pessoa na Paraíba. O artigo enfoca a sociabilidade criada por esta família e a nuclearização de uma parcela da comunidade negra nas suas atividades urbanas. Sociabilidade é um tema importante para compreensão da forma urbana de inserção da população negra na cidade.

Palavras-chave: bairros negros, territórios negros, memórias de famílias negras, população negra no século XX, urbanidade de famílias negras.

INTRODUÇÃO

A necessidade social e política de uma história urbana das populações negras tem produzindo na atualidade muitos enfoques específicos sobre famílias negras, bairros negros, territórios negros e formas urbanas das populações negras. Este estudo se configura como uma contribuição nesse novo campo de abordagens (VELAME, 2014), (VELAME; OLIVEIRA, 2018), (DE JUSUS; CUNHA JUNIOR, 2020).

As populações negras durante o transcorrer do século XX realizaram grandes transformações sociais. Passaram de populações iminentemente rurais para populações urbanas num deslocamento forçado pelas formas de implantação no Brasil do capitalismo racistas, desassistidas de política públicas específicas. Também passaram de populações escravizadas a condição de trabalhadores de baixas remunerações e de sistemático desempregos e subempregos. São duas transições impostas pelos momentos históricos com consequências específicas sobre a população negra e que geram proposições de estudos sobre a urbanização das populações em relação a formação das cidades brasileiras (CUNHA JUNIOR, 2019). Devemos entender que o estado brasileiro realizou várias políticas públicas para as populações europeia

¹ Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC/FACED/PPGE). E-mail: portuguesmesclada@gmail.com.

² Professor Titular do Departamento de Engenharia Elétrica do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da FACED/PPGE/UFC. E-mail: hcunha@ufc.br.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

imigrarem para o Brasil e ocuparem os lugares de trabalho deixados pelas imposições da forma brasileira de transição entre a sociedade do escravismo criminoso e a do capitalismo racistas (SILVA; CUNHA JUNIOR, 2014). Racismo antinegro é o conceito que utilizamos e que expressa o sistema ideológico de dominação sobre as populações negras, realizada pelas populações brancas, como parte do racismo estrutural na sociedade brasileira (PIMENTEL, 2019), (CUNHA JUNIOR, 2008).

Para abordar as experiências históricas e urbanas das populações negras no Brasil e principalmente nesse período de transição do século XX trabalhamos com os conceitos de africanidade e afrodescendência, que tornam específicas e singulares as formas desenvolvidas pelas populações negras, saindo das generalizações de trabalhadores oprimidos, populações empobrecidas e classe trabalhadora (CUNHA JUNIOR, 2014).

Assim sendo, consideramos existir uma forma particular de instalação urbana das populações negras. Dentro dessa forma particular a memória das famílias negras é parte da cultura negra e indissociável da maneira da produção da identidade. Nesse artigo pensando no enfoque de patrimônio imaterial estudamos a memória da família Pimentel, como produtora de sociabilidade urbana das populações negras.

A pesquisa afrodescendente implica na utilização de pesquisadores de dentro da problemática da investigação numa relação dialógica entre sujeito de pesquisa e sujeito pesquisador. Assim que pesquisamos a minha família e sua memória e história (CUNHA JUNIOR, 2014). Utilizando a nomenclatura da professora Narcimaria Luz, dos pesquisadores de dentro e de fora da porteira, eu sou de dentro da porteira. O nosso território de estudo é o das cidades do interior da Paraíba localizado no Engenho Buraco D'água no município de Alagoa Grande, região do Brejo Paraibano.

Figura 1: Localização de Alagoa Grande no Território Paraibano. Mapa esquemático indicando a mesorregião do agreste paraibano e, em cinza claro, a microrregião Brejo paraibano, onde fica localizada Alagoa Grande.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil



Fonte: Mapas do Brasil.

O município de Alagoa Grande -PB, está localizado na microrregião fisiográfica do Agreste paraibano, na microrregião do Brejo, distando da capital João Pessoa 111 km. Possui uma área de 337,7Km² e limita-se ao Norte com os municípios de Areia e Alagoinha, ao Sul com Serra Redonda, a Leste com Gurinhém e Mulungu, a Oeste com Alagoa Nova e Matinhas, a Sudeste com Juarez Távora e a Sudoeste com Massaranduba. Possui dois Distritos: Zumbi e Canafistula. Além das comunidades rurais Quilombo de Caiana do Crioulos, Engenho Buraco, Serra da Paquevira, Caiana dos Agrestes, Espalhada, entre outros.

Figura 2: Portal Entrada do município de Alagoa Grande, Paraíba.



Fonte: Pbtur.

O marco de entrada da cidade de Alagoa Grande -PB, o pandeiro, é em homenagem ao seu ilustre filho da terra, o cantor José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Figura 3: Casa de Tio Zé Preto.



Fonte: Maria Regina Alves dos Reis.

Essa casa pertencia ao meu tio Zé Preto e fica localizada no Engenho Buraco D'água no município de Alagoa Grande-PB. Tendo sido preservada as suas características originais até então, permitindo a atual geração, conhecer a história da nossa da família e do legado de tio Zé Preto e tia Rita (sua esposa) marcada de resistência e lutas, amor e dedicação a família.

Figura 4 e 5: Antiga Casa Grande do Engenho Buraco D'água- Alagoa Grande-PB.



Fonte: Maria Regina Alves dos Reis.

Essas imagens nos remetem aos anos de 1918 de acordo com a pesquisa realizada por (REIS, 2018).

A FAMÍLIA PIMENTEL - FAMÍLIA NEGRA DE REFERÊNCIA DA POPULAÇÃO NEGRA EM ALAGOA GRANDE

Foi no baú da família Pimentel que revivemos as lembranças vividas, algumas alegres, outras de dor, sofridas, desumanas, todas reais, que precisam ser reveladas e dar significado dessas trajetórias ancestrais.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

Os fragmentos das lembranças são fornecedores da matéria-prima para o trabalho da memória, e ao mesmo tempo em que são traçados os fios das etapas, dos episódios vivenciados e sendo configurados num tecido geracional costurados em uma colcha de sentimentos diversos onde cada parte dela composta se entrelaçam para confecção de uma narrativa. É nesse traçado da linha do tempo, que a família Pimentel entra em cena como protagonista da sua própria história.

A família Pimentel é oriunda do Engenho Buraco D'Água, situado no município de Alagoa Grande na microrregião do Brejo Paraibano. Era uma área produtora de cana de açúcar desde os tempos imperiais, razão de possuir uma grande concentração de população negra outrora escravizada para trabalho forçado nos canaviais e engenhos. O Engenho Buraco D'Água foi um grande produtor de cachaça e rapadura da região que era transportada em burros para os municípios de Alagoa Grande, Alagoa Nova e Campina Grande. Atualmente, as terras estão sendo reestruturadas para a criação de gado.

A história familiar dos Pimentel está imbricada com a história das famílias negras escravizadas no Brasil. É a realidade do pós-abolição, do pacto do silenciamento, das dores e marcas físicas e psicológicas que ainda estão configuradas na contemporaneidade, para parte dos que permanecem nas terras do Engenho carregam consigo resquícios de escravizados(as) e a liberdade de consciência ainda não chegou para grande maioria em lutar por direitos trabalhistas e sociais.

As memórias e as histórias da família Pimentel, são de raízes ancestrais africana, o que se traduz no espírito de resistência e luta em parte da família. Nossos antepassados aqui chegaram nos navios negreiros (as bisavós Joana e Constância), segundo o depoimento da minha tia Dinda em 2017 quando em visita a sua casa antes do seu falecimento.

Entender todos os aspectos sociais, culturais, psicológicos da minha família se traduzem em um mergulho na subjetividade desses sujeitos-parentes durante suas vidas. São etapas com alguns lapsos de memória de alguns personagens reais. Os ditos, os não - ditos. Falar de um modelo de família negra rural, a partir dos depoimentos orais de meu



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

pai, Sebastião, da minha tia Dinda, da minha vivência no Engenho, e com meus parentes. Assim, se constitui o enredo dessa história.

O nome PIMENTEL é de ascendência do meu avô paterno Severino Pimentel. A minha avó paterna se chamava Maria das Dores. Os filhos: Maria Júlia da Conceição (Dinda, 1921-2017), Sebastião da Silva Pimentel (Panhão, 1923-2008), José da Silva Pimentel (Zé Preto), Joana Júlia da Conceição, e Ana Júlia da Conceição, os três sem registro de nascimento e de óbito até o momento não encontrados.

De acordo com Bosi (1994, p.68), citado por Reis (2012, p.21) “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar”. É a sua memória que junta o improvisado com a realidade cotidiana, memória que tem como aliada a lembrança e se torna o seu porto seguro, quando delas necessita para relatar suas histórias. Dessa forma, para melhor compreensão dessa história, debruçei-me na oralidade desses sujeitos familiares (meus troncos velhos), extraindo desses atores e atrizes o próprio protagonismo de suas histórias silenciadas por muitos anos.

Os compassos de uma sinfonia dessas atrizes e desses atores familiares encantaram os dias e as noites com rezas, cânticos, louvores, cantorias, procissão, ladainhas, festas juninas, forró pé-de-serra ao som da sanfona, zabumba e do triângulo, na animação contagiante de meu pai Pimentel e meu tio Zé Preto nos terreiros e casas de parentes e familiares.

Venho de uma tradição familiar de desfilar das particularidades entre o passado movido pela dor cantarolada pela voz da esperança. Uma composição familiar cheia de proezas e da alegria, da multiplicidade de parentes que se perdem de vista de tanta gente. Dessa forma, as vivências e lembranças, registradas nas memórias trazidas nas narrativas orais se transformam em cenários de referência familiar e patrimônio cultural imaterial.

Temos a tradição da contação, da expressão do sentimento coletivo.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

O COTIDIANO DOS PIMENTEL

Os meus antepassados, segundo a minha tia Dinda (in memoriam) e o meu pai Pimentel (in memoriam), desde crianças suas vidas foram de sofrimento e abandono, pois perderam seus pais quando ainda eram muito crianças (entre 7 a 9 anos) e foram morar na Casa Grande do Engenho Buraco D'Água, e lá, trabalhavam exercendo diversas atividades enquanto criança até adultos, tais como: pastorear o gado, trabalho doméstico (lavar, passar roupa e cozinhar), cortar e trazer lenha para cozinhar, na casa grande, carregar água, cortar e carregar a cana para moenda. Uma labuta incansável sem hora para iniciar nem terminar os afazeres. Além da rotina árdua do trabalho na casa dos patrões, tinham que providenciar seus próprios alimentos, caçando, pescando e cuidando do próprio roçado, (lembranças vívidas em suas e nossas memórias). O que podemos denominar dessa relação, como sendo uma herança escravista de dominação e poder. “Fui morar na Casa Grande quando papai morreu, era quem tomava conta de tudo na casa, todo serviço”. (Tia Dinda, em conversa em sua casa em 2017). A rotina diária da família Pimentel no Engenho era de servidão pós-abolição, porque trabalhavam sem receber remuneração, repetia a realidade dos seus antepassados que foram escravizados na mesma localidade. Uma característica das populações negras de todo o país e pouco discutida pela literatura da história e sociologia, a do trabalho, no capitalismo e sem remuneração. Os troncos velhos da família foram constituídos da mãe e do pai, falecidos cedo deixando cinco filhos (Dinda, Sebastião, José, Ana e Joana), os quais herdaram a experiência da carência da proteção e afeto de uma mãe e um pai, desde que, foram criados pelos donos das terras Mininéia Coelho Vianna e Marieta. E, assim, submetidos a uma vida servil e sem perspectivas de melhoras das suas vidas. A relação entre senhor de engenho e seus subjugados era de humilhação e sofrimento. Dependia das coisas básicas de vida e de morte. Na atualidade essas terras pertencem a José Azevedo Sobral que está reestruturando a localidade com criação de gado, e que vive entre os estados da Paraíba e no Ceará, onde é empresário.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

REDESENHANDO OS LUGARES DA FAMÍLIA PIMENTEL:

No contexto das lembranças narradas pelos meus parentes, se articulam valores, resistências e identidade territorial. Esse lugar demarcado e fortemente arraigado de simbologias é o Engenho Buraco D'Água. Dessa terra foram fincados sentimentos de pertencimento familiar ancestral, laços sanguíneos entrelaçados passados de gerações para outras gerações. Um tronco familiar extenso, que foi se ramificando em outros lugares: Espalhada, Serra da Paquevira, Alagoa Grande, Matinhas, João Pessoa, todas essas cidades no estado da Paraíba, mas também em Fortaleza/Ceará e na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, esse distanciamento geográfico não cortou o vínculo com a terra-mãe (o engenho Buraco (D'Água) pois sempre que possível, a família se reúne para festejos juninos, casamentos, e festas de final do ano, e assim, expressam o sentimento familiar e tradição cultural local.

O marco histórico de mudança de vida na família ocorreu quando Sebastião (meu pai) prestou serviço no exército em João Pessoa-PB, logo após casou com a minha mãe Joana, passando a residir na zona urbana Alagoa Grande-PB, na rua do Poste e posteriormente, na rua São José. Do casamento, tiveram quatro filhos (Socorro (eu), José, Fátima e Gardel). Se tornou posteriormente, funcionário da Rede Ferroviária do Nordeste, ramal de Alagoa Grande, na função de Guarda-Freios, melhorando as condições sociais e financeiras, assumindo o papel provedor, ajudando as irmãs e irmão que permaneceram na zona rural.

Em decorrência do fechamento do ramal da estação do trem de Alagoa Grande, em 1968, o meu pai Pimentel foi transferido para capital João Pessoa, indo morar no bairro da Ilha do Bispo, permanecendo até o seu falecimento no ano de 2008. Traçando a geografia dos espaços, ao analisar lembranças, fatos marcantes, imagens refletidas, revelações contidas e sofridas, do desejo de mergulhar e desvelar segredos dos sujeitos principais que já não estão entre nós (avós, tios e tias e o meu pai) referenciais históricos, e com a geração familiar contemporânea abstrair o sentimento de pertencimento territorial se torna uma realidade preocupante, o êxodo rural e urbano para as grandes cidades com a morte dos genitores está começando a ocorrer e os desmembramentos



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

das famílias do círculo orgânico a se diluir. Se fazendo necessário surgir lideranças, meu pai Pimentel e minha tia Dinda exerciam esse papel no âmbito familiar. As ferrovias se fecharam em muitos das localidades do Estado da Paraíba e do Nordeste em função de dois fenômenos desse período histórico. O primeiro foi a diminuição drástica da produção agrícola e a falta de carga para a manutenção das ferrovias. O outro foi o aparecimento das rodovias e preponderância do transporte rodoviário sobre o ferroviário. O fechamento das ferrovias apresentou um impacto grande sobre os trabalhadores negros das cidades do interior, uma parte deles ficou desempregada. A ferrovia e o emprego ferroviários era uma forma de ascensão social das populações negras por pagar salários em regime capitalista.

As funções sociais exercidas pela família como os batuques, rituais e festas religiosas, pertencer a uma irmandade católica do Sagrado Coração de Jesus, é um demonstrativo das práticas culturais afrocatólicas bem presente nos membros da família essa prática, é vivenciada de geração para geração.

As festas e os batuques e animações no Engenho Buraco D'água, eram geralmente proporcionadas pela minha família Pimentel. Essas festividades eram espaços de sociabilidade entre os parentes e as pessoas da localidade (amigos, compadres, comadres, donos da terra). Esses eventos eram comemorados com muita comida, bebidas, músicas e danças num entrelaçamento do profano versus religioso (as rezas, das novenas aos Santos e Santas) protetoras da saúde e da fartura.

Era comum rezar o mês de maio e na última noite do mês se fazia uma fogueira e queimava as flores. Uma devoção a Maria a mãe de Deus, com seus terços as mulheres rezavam e cantavam com muito fervor tendo o comando de tia Dinda ou tia Rita (esposa do tio Zé Preto). Também temos a tradição da procissão do "cruzeiro" todo enfeitado de flores de papel crepom e sendo feita a procissão das casas mais próximas com cânticos religiosos, solta de fogos e muita fé. Momentos de entrosamento e manifestação da espiritualidade cristã.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

No período junino, a tradição era a grande fogueira em frente das casas enfeitada com bandeirolas de papel seda coloridas, um mastro com as bandeiras de, Santo Antônio, São João e São Pedro simbolizando a tradição junina, uma cultura nordestina, um patrimônio imaterial, que é celebrado todos os anos tanto na cidade como na zona rural tendo como ingredientes comidas típicas da época: pamonha, canjica, milho assado e cozinhado, bolo pé de moleque e de milho, queijo, cachaça, “quentão”, cocada. Além da queima dos fogos, e as adivinhações, a realização dos casamentos e batizados na fogueira, que são considerados e respeitados.

Na visão de Mattos (2009) o batuque em homenagem aos santos católicos se constitui enquanto memória que faz parte de uma coletividade específica demonstrando as funções sociais dos festejos, que para além do divertimento, possibilita a celebração da ancestralidade. Os africanos que foram escravizados no Brasil trouxeram consigo seus rituais de celebração.

As comemorações de aniversários, os batizados, os casamentos e os bate-papos em frente à casa, sentados em roda, no chão ou nos bancos de madeira e das poucas cadeiras existentes, em pé encostados nas paredes, sempre foi tradição da nossa família para contar histórias, dar conselhos, rezar.

Todas essas manifestações devem ser consideradas significativas e importantes práticas culturais e simbólicas da nossa família. São fornecedoras de elementos que permitem a compreensão dos valores, dos sentimentos de pertencimento familiar e territorial.

A família Pimentel em suas diversas gerações, carregam a identidade de um povo festivo, uma historicidade negada, mas, manifesta e assegurada de várias maneiras, seduzida, mesmo sobre os olhares e controle dos proprietários da terra, acontecia e acontece até hoje com os troncos novos.

Neste sentido, as histórias contadas pelos mais velhos permanecem presentes e necessitando serem contadas e registrada em livro e na memória da geração atual e que



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

o legado da família Pimentel seja preservado, visibilizado e faça parte da história Alagoagrandense. Uma missão a ser desenvolvida é sensibilizar e despertar o sentimento de pertencimento étnico e territorial em alguns membros jovens da família apáticos(as) e vislumbrados(as) com o encantamento das mídias sociais racistas e classistas e que promovem o consumismo de uma realidade social e econômica que não condiz com as suas.

REFERÊNCIAS

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Racismo antinegro, um problema estrutural e ideológico das relações sociais brasileiras**. Política Democrática (Brasília), v. VII, p. 118-127, 2008.

_____. **Afrodescendência e Africanidades**: Um dentre os diversos enfoques possíveis sobre a população negra no Brasil. Interfaces de Saberes (FAFICA. Online), v. 1, p. 14-24, 2013.

_____. Bairros Negros: A Forma Urbana das Populações Negras no Brasil. Revista ABPN, v. 11, p. 65-86, 2019.

MAPAS do Brasil. **Mapa Geográfico da Paraíba**. Disponível em: < <http://www.mapasbrasil.com/nordeste-regiao.htm>> Acesso em: 6 out. 2020.

PB tur. **Alagoa Grande**. Disponível em: < <https://www.pbtur.com.br/cidade/alagoa-grande>>. Acesso em: 6 out. 2020.

PIMENTEL, Maria do Socorro da Silva. **Territorialidades Negras e Parentesco**: Uma Realidade Afrorreferenciada em Alagoa Grande-PB. Texto de Qualificação de Doutorado em Educação. UFC/FACED/PPGE. Fortaleza/Ceará, 2019.

REIS, Maria Regina Alves dos. **Tecendo os fios da memória do pós-escravidão-narrativa de uma afrodescendente (Engenho Buraco D'água, Alagoa Grande/PB-** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

SILVA, Renata. A. da CUNHA JUNIOR, Henrique. **Cidades Negras - Petrópolis Imperial**. Revista Ambivalências, v. 2, p. 81, 2014.

VELAME, Fabio. **Arquiteturas de árvores e árvores Arquitetônicas**: Arquiteturas dos Terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix instauradas pela natureza sacralizada. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN, v. 6, p. 20-40, 2014.

VELAME, Fabio / OLIVEIRA, J. **Buscando um Caminho para Projetar em Terreiros**:



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

Tenda dos Milagres-Proposta de Arquitetura de Pano Da Costa. In: Benjamin Xavier de Paula; Luciene Ribeiro Dias. (Org.). X COPENE - (RE) Existência Intelectual Negra e Ancestral. 2ed.Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2018, v. 3, p. 1-20.